

# revist**A CIAR**

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, INDUSTRIAL E AGROPECUÁRIA DE RESENDE – ANO I • Nº 6 – MARÇO/ABRIL 1986

## ENGENHEIRO PASSOS: os hotéis-fazenda



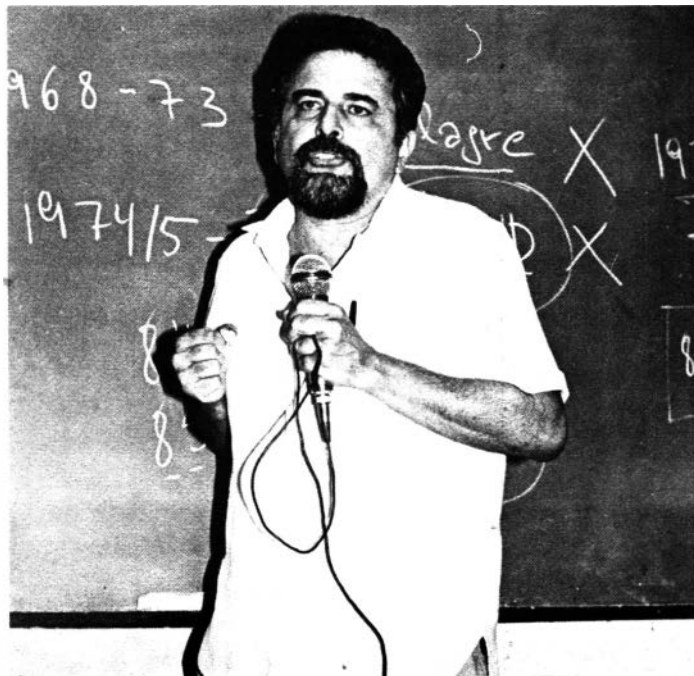
**ANTONIO  
CASTRO**  
fala sobre o pacote

**MACEDO  
MIRANDA**  
o romancista do Vale

# ECONOMIA E da "marcha forçada" ao p

Na manhã de 28 de fevereiro passado o Presidente José Sarney anunciava a grande reforma econômica, através do Decreto-lei 2.283 que, entre outras medidas, extinguiu o cruzeiro e criou o cruzado como moeda nacional.

Quinze dias depois, a Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Resende – ACIAR – fazia realizar em sua sede a palestra do prof. Antonio Barros de Castro, professor de Política Econômica da UFRJ e da UNICAMP que lançou, recentemente, seu quarto livro intitulado "A economia brasileira em marcha forçada".  
Transcemos, a seguir, a palestra do prof. Castro.



Estamos vivendo um momento singular e histórico. O país está tomado por um sentimento de grande entusiasmo, com grandes esperanças, e eu gostaria de começar esta palestra perguntando sobre a solidez e firmeza deste sentimento. Acho fundamental entender que não ocorreu uma mágica, que o que se dá nos dias de hoje é o coroamento de um processo, algo que veio completar uma obra e colocar o país em condições de realmente dar o que penso possa ser um salto histórico.

Mas que bases tem esse processo que estamos vivendo? Para muita gente é algo que ocorreu neste momento; a maioria dos brasileiros está esfregando os olhos para ver se acredita nessa nova realidade, visto que já vivemos muitas frustrações.

De 1968 a 1973 o país viveu o chamado "milagre econômico", em que a economia crescia a uma velocidade extraordinária e nada parecia deter essa poderosa máquina. Mas em 74 o choque do petróleo e outras adversidades vieram colocar o país diante de uma situação de inviabilidade ou de aparente inviabilidade econômica e financeira. Então, o "milagre" começou a demonstrar ter "pés de barro", não se sustentou em absoluto, e entramos numa zona de completa indeterminação.

De meados de 74 até 79 essa economia lançou-se num programa de industrialização que foi certamente o mais ambicioso que o Brasil já conheceu — o chamado II PND —, destinado a consolidar aqui uma poderoso

sa e sólida economia. Em 1979 o segundo choque do petróleo colocaria tudo isso em questão mais uma vez. A economia se veria lançada numa situação de extrema dificuldade que culminaria nos terríveis anos de 81 e 83 quando se multiplicariam o desemprego, indústrias seriam fechadas e a miséria brasileira explodiria nas ruas.

Em 1983-84, caminhando-se em direção à Nova República, a impressão geral era de que a economia do país estava desfeita, que o país encontrava-se numa situação difícilíssima. O Presidente Tancredo Neves foi, inclusive, convencido pelos seus assessores (o grupo chamado COPAG) de que não era apenas necessário reconstruir as instituições políticas brasileiras mas também a

economia.

Acontece que em 1984, para surpresa de todos, a economia voltou a crescer. Em 1985, sem que a política econômica se caracterizasse por qualquer ação mais ambiciosa, por quaisquer iniciativas mais criativas, a economia cresceu, mais uma vez, tornando-se a economia de maior expansão do mundo. Nenhuma outra nação cresceu como o Brasil em 1985. (a 8,4%.)

Tudo isso nos leva a ver, numa primeira abordagem, que a economia brasileira é ciclotímica, ou seja, que ela oscila entre euforias e desastres, talvez ambos aparentes. Por todas essas razões faz plenamente sentido nos perguntarmos se o que estamos vivendo não será apenas um ilusionismo, uma euforia. Eu creio que não e vou procurar

# BRASILEIRA:

## pacote de 28 de fevereiro

demonstrar que por trás dessa aparente oscilação drástica existe um movimento contínuo da economia que, a rigor, não foi detido nem sequer neste terrível triênio (81-83).

Façamos um recuo no tempo e voltemos ao ano chave da nossa história — 1974. Este foi um ano absolutamente fundamental na nossa história, quando se virou a história do Brasil. Por quê? No momento em que o país entrava nessa grave crise, na aparente insolvência determinada pelo choque do petróleo, era lançado o II PND. O Brasil era, então, um país com um perfil caracterizado por um setor de bens de consumo duráveis hipertrofiado, anormalmente desenvolvido, enquanto o setor de bens de capital e insumos mantinham-se atrofiados.

O que o II PND iria fazer? A crise inviabilizava o Brasil aparentemente. Inviabilizava concretamente o seu balanço de pagamentos. Diante desta inviabilidade o que fizeram outros países como o México, Holanda e outros países da Europa e América Latina? Para absorver o choque de 1974 se encolheram. O II PND resolveu responder à crise saltando adiante, expandindo drasticamente o setor de bens de capital, introduzindo no Brasil a petroquímica, desenvolvendo violentamente a Siderurgia, os não-ferrosos e outras indústrias básicas. Partia-se para a montagem de um parque industrial moderno, produtor de máquinas e equipa-

mentos. Por outro lado, o II PND decidiu reduzir, proporcionalmente, ou seja, congelar o crescimento de alguns dos bens duráveis, em particular, a indústria automobilística. O II PND seria, assim, uma resposta terrivelmente ousada à crise, e para que se cumprisse requeria, em média, 10 anos de maturação e, por conseguinte, seus frutos não poderiam ser colhidos no governo de 1974. No entanto, se cumprido este programa, a economia brasileira seria completamente transformada e normalizada no sentido de que adquiriria uma estrutura industrial com o mesmo perfil da economia européia ou mesmo a norte-americana.

Os estudos que estamos hoje fazendo no Instituto de Economia Industrial e que, em São Paulo, a USP vem desenvolvendo confirmam que a nova estrutura brasileira é uma estrutura absolutamente normalizada em termos internacionais. Nós somos um país adulto industrialmente, havendo apenas pequenas falhas como química fina e mecânica fina, facilmente corrigíveis.

O que é preciso compreender é que ao longo dessa gangorra que ora vai para o milagre, ora entra naquele pântano de 81-83 que impõe um pessimismo (e talvez tenha toldado a visão de Tancredo Neves), que por trás dessa oscilação, dessa ciclotimia, existe, na realidade, a história de um país que não cessou de se industrializar e que se industrializa numa veloci-

dade extremamente elevada historicamente, só comparável, praticamente, à economia japonesa. Esta obra se completa em termos estruturais com este plano e os frutos amadurecem somente em 83, 84, 85 e 86.

A rigor nós vivemos tanto tempo oscilando drasticamente que a percepção de que estávamos consolidando, progressivamente, essa moderna e possante estrutura industrial era difícil de ser captada. Só agora é que está se revelando estatisticamente e de mil formas. Por exemplo — no ano de 84, pela primeira vez, a economia brasileira cresceu (desde 80 estava estagnada, a rigor, em de-

pressão). Era uma surpresa geral, ninguém previra este crescimento.

Como isto foi possível? Surgiu logo uma resposta muito fácil. Isso foi possível porque os Estados Unidos aumentaram imensamente as suas importações de manufaturas e as exportações brasileiras de manufaturas para aquele mercado cresceram mais de 30%. Seria, então, a locomotiva americana puxando nosso crescimento. Mas, aos poucos, foi se percebendo que embora as importações tivessem crescido espetacularmente o México não soube aproveitar-se disso, nem a Venezuela ou Argentina. Se o Brasil aproveitou a oportunidade para dar um salto em termos de exportação de manufaturados alguma coisa havia por trás desse salto. Mas aqueles que acreditavam que os Estados Unidos é que haviam puxado nosso crescimento concluíram que 1985 seria o retorno da recessão. E não foi. O crescimento foi extremamente elevado e o emprego cresceu extraordinariamente.

Em 1985, o crescimento do Produto Interno Bruto foi de 8,4%, um índice recordista no mundo, mas permanecem dois terríveis problemas — o país era comido por um déficit público de proporções avassaladoras e devorado pelo dragão da inflação que ninguém conseguia enfrentar. Até muito recentemente, quem não achava que o déficit público explicava a inflação, tendia a culpar a dívida externa e suas implicações. Como a dívida ex-

*É preciso  
compreender que ao  
longo dessa gangorra  
que ora vai para  
o milagre,  
ora entra naquele  
pântano de 81-83,  
que por trás dessa  
ciclotimia, existe,  
na realidade,  
a história de um  
país que vinha se  
industrializando  
numa velocidade  
extremamente elevada  
historicamente,  
só comparável  
ao caso japonês.*

terna é insanável a curto e a médio prazo e a eliminação do déficit público requereria a desestatização da economia, a liquidação de estatais, o corte a fundo do gasto público (e como a isto se opunham resistências tremendas) a inflação tornava-se uma espécie de doença para sempre desta economia. Extirpá-la por aqui ou por ali não parecia viável.

Nunca me pareceu verdade que a inflação tivesse suas bases na dívida externa ou na dívida interna e a ela associada o déficit público. São estas, a meu ver, duas falsas explicações.

Por que não seria a dívida externa? Por uma razão muito simples — apesar da dívida externa ser um processo oneroso e o Brasil estar pagando juros internacionais historicamente absurdos (nunca houve na história juros semelhantes e, no século XIX, quando os Estados Unidos se desenvolveram os juros normais eram de 2,5%; o Brasil já chegou a pagar juros de 20 e agora paga na ordem de 9%) o Brasil desenvolveu uma resposta à dívida externa chamada saldo comercial (a diferença entre as importações e as exportações). Este saldo comercial que vem se repetindo, de 12 bilhões de dólares, se tornou estrutural porque as transformações ocorridas tornaram o país extremamente autônomo, o país mais fechado do mundo.

Dando um exemplo: no ano de 1984 o México cresceu 3% e as importações 29%, ou seja, para crescer precisou importar enormemente. Já o Brasil cresce e as importações se reduzem porque constituiu uma estrutura completa e autônoma. O Brasil tem uma autonomia de vôo garantida por esta articulação estrutural que

*Nunca me pareceu  
que a inflação  
tivesse suas bases  
na dívida externa ou  
no déficit público.  
Estas são, a meu  
ver, duas falsas  
explicações.*

é o seu esqueleto econômico hoje. Então, apesar da dívida externa ser algo condenável, apesar dos juros serem abomináveis o Brasil se adaptou para enfrentar esse problema e o tem sob controle.

Então, vamos ao problema do déficit público. O déficit público no Brasil se multiplicou no período de 81 a 83. Mas acontece que recessão gera déficit público e expansão gera receita e reduz o déficit público. Quando se estava falando que o Brasil tinha um déficit público as pessoas não se davam conta de que ele tinha esse grande déficit em recessão. Havia também muitas vezes pela imprensa que, simplesmente, tinham interesse em ignorar que recessão gera déficit público. Por exemplo, todos aqueles que queriam sacrificar o Estado, cortar as estatais, usavam o déficit público como arma anti-estatal. Não estavam sequer interessados em discutir a hipótese, extremamente fundada histórica e teoricamente, de que déficit é algo natural num processo recessivo. Por que em 84 não desapareceu o déficit? Primeiro, porque o crescimento era puxado pelas exportações e estas não pagam impostos. Então, a forma como a economia foi dinamizada não era uma

forma propícia à correção do déficit.

Em 85, o crescimento se deslocou para o mercado interno e para os bens duráveis de consumo. O que aconteceu com a receita pública? Literalmente disparou — aumentou 20% em termos reais em 85 — e o déficit acabou desaparecendo nos primeiros meses de 86 sobre o efeito da arrecadação tributária do Natal. Com uma defasagem de 30 a 45 dias o déficit foi zerado. Aliás, antes deste déficit ser zerado, o déficit da Previdência era zerado por razões análogas a estas. A realidade é que o crescimento da estrutura remodelada resolveu o problema do déficit público.

Então, chego a uma conclusão. Aquele dragão — a inflação — não estava fundado e nem alimentado pela dívida externa, cuja influência é neutralizada pela capacidade de pagar juros, de gerar esse saldo sem pressionar a economia como no passado. A inflação tampouco é explicada pelo déficit público (este, uma anomalia oriunda da recessão e da depressão). A inflação não tem, portanto, esta causa básica. Onde estaria a causa da inflação?

Agora vou me valer das idéias dos economistas da PUC que desenvolveram a técnica de combate à inflação que foi aplicada a 28 de fevereiro passado. Há uma grande convergência entre a análise feita acima e o que eles dizem. Segundo eles, a inflação brasileira se tornou um fenômeno autônomo, ou seja, a inflação de hoje é explicada pela de ontem e a de amanhã pela de hoje. Em outras palavras, a imagem é de inércia. Conjugando com a minha análise, ela não tem causa estrutural.

Ainda segundo os eco-

nomistas da PUC, a inflação brasileira caminha por patamares, fazendo estágios em patamares. Há certos momentos em que explode o choque. Por exemplo, o choque agrícola do mês de janeiro estava levando a inflação brasileira de 200 para 400.

Em resumo: a inflação, de tempos em tempos, é sacudida por uma acidentalidade (por exemplo, o petróleo), quando há um salto espetacular de preços com um impacto violento, fazendo a inflação passar de 40 para 100. Então, há zonas de choque e zonas de inércia.

Segundo a teoria da PUC se estivermos fora da zona de choque e subtraímos a inércia a inflação virá para zero. Isto porque a inércia, que é simbolizada pela correção monetária, faz com que sempre que se tiver inflação haverá inflação. Não

*Apesar da dívida  
externa ser um  
processo oneroso  
e o Brasil estar  
pagando juros  
internacionais  
historicamente  
absurdos e  
abomináveis, o  
país desenvolveu  
uma resposta à  
dívida externa sob  
a forma de um  
saldo comercial,  
que se tornou  
estrutural porque  
as transformações  
ocorridas tornaram  
o país extremamente  
autônomo,  
a economia mais  
fechada do mundo.*

terna é insanável a curto e a médio prazo e a eliminação do déficit público, requereria a desestatização da economia, a liquidação de estatais, o corte a fundo do gasto público (e como a isto se opunham resistências tremendas) a inflação tornava-se uma espécie de doença para sempre desta economia. Extirpá-la por aqui ou por ali não parecia viável.

Nunca me pareceu verdade que a inflação tivesse suas bases na dívida externa ou na dívida interna e a ela associada o déficit público. São estas, a meu ver, duas falsas explicações.

Por que não seria a dívida externa? Por uma razão muito simples — apesar da dívida externa ser um processo oneroso e o Brasil estar pagando juros internacionais historicamente absurdos (nunca houve na história juros semelhantes e, no século XIX, quando os Estados Unidos se desenvolveram os juros normais eram de 2,5%; o Brasil já chegou a pagar juros de 20 e agora paga na ordem de 9%) o Brasil desenvolveu uma resposta à dívida externa chamada saldo comercial (a diferença entre as importações e as exportações). Este saldo comercial que vem se repetindo, de 12 bilhões de dólares, se tornou estrutural porque as transformações ocorridas tornaram o país extremamente autônomo, o país mais fechado do mundo.

Dando um exemplo: no ano de 1984 o México cresceu 3% e as importações 29%, ou seja, para crescer precisou importar enormemente. Já o Brasil cresce e as importações se reduzem porque constituiu uma estrutura completa e autônoma. O Brasil tem uma autonomia de vôo garantida por esta articulação estrutural que

*Nunca me pareceu  
que a inflação  
tivesse suas bases  
na dívida externa ou  
no déficit público.*

*Estas são, a meu  
ver, duas falsas  
explicações.*

é o seu esqueleto econômico hoje. Então, apesar da dívida externa ser algo condenável, apesar dos juros serem abomináveis o Brasil se adaptou para enfrentar esse problema e o tem sob controle.

Então, vamos ao problema do déficit público. O déficit público no Brasil se multiplicou no período de 81 a 83. Mas acontece que recessão gera déficit público e expansão gera receita e reduz o déficit público. Quando se estava falando que o Brasil tinha um déficit público as pessoas não se davam conta de que ele tinha esse grande déficit em recessão. Havia também muitas vezes pela imprensa que, simplesmente, tinham interesse em ignorar que recessão gera déficit público. Por exemplo, todos aqueles que queriam sacrificar o Estado, cortar as estatais, usavam o déficit público como arma anti-estatal. Não estavam sequer interessados em discutir a hipótese, extremamente fundada histórica e teoricamente, de que déficit é algo natural num processo recessivo. Por que em 84 não desapareceu o déficit? Primeiro, porque o crescimento era puxado pelas exportações e estas não pagam impostos. Então, a forma como a economia foi dinamizada não era uma

forma propícia à correção do déficit.

Em 85, o crescimento se deslocou para o mercado interno e para os bens duráveis de consumo. O que aconteceu com a receita pública? Literalmente disparou — aumentou 20% em termos reais em 85 — e o déficit acabou desaparecendo nos primeiros meses de 86 sobre o efeito da arrecadação tributária do Natal. Com uma defasagem de 30 a 45 dias o déficit foi zerado. Aliás, antes deste déficit ser zerado, o déficit da Previdência era zerado por razões análogas a estas. A realidade é que o crescimento da estrutura remodelada resolveu o problema do déficit público.

Então, chego a uma conclusão. Aquele dragão — a inflação — não estava fundado e nem alimentado pela dívida externa, cuja influência é neutralizada pela capacidade de pagar juros, de gerar esse saldo sem pressionar a economia como no passado. A inflação tampouco é explicada pelo déficit público (este, uma anomalia oriunda da recessão e da depressão). A inflação não tem, portanto, esta causa básica. Onde estaria a causa da inflação?

Agora vou me valer das idéias dos economistas da PUC que desenvolveram a técnica de combate à inflação que foi aplicada a 28 de fevereiro passado. Há uma grande convergência entre a análise feita acima e o que eles dizem. Segundo eles, a inflação brasileira se tornou um fenômeno autônomo, ou seja, a inflação de hoje é explicada pela de ontem e a de amanhã pela de hoje. Em outras palavras, a imagem é de inércia. Conjugando com a minha análise, ela não tem causa estrutural.

Ainda segundo os eco-

nomistas da PUC, a inflação brasileira caminha por patamares, fazendo estágios em patamares. Há certos momentos em que explode o choque. Por exemplo, o choque agrícola do mês de janeiro estava levando a inflação brasileira de 200 para 400.

Em resumo: a inflação, de tempos em tempos, é sacudida por uma acidentalidade (por exemplo, o petróleo), quando há um salto espetacular de preços com um impacto violento, fazendo a inflação passar de 40 para 100. Então, há zonas de choque e zonas de inércia.

Segundo a teoria da PUC se estivermos fora da zona de choque e subtraírmos a inércia a inflação virá para zero. Isto porque a inércia, que é simbolizada pela correção monetária, faz com que sempre que se tiver inflação haverá inflação. Não

*Apesar da dívida  
externa ser um  
processo oneroso  
e o Brasil estar  
pagando juros  
internacionais  
historicamente  
absurdos e  
abomináveis, o  
país desenvolveu  
uma resposta à  
dívida externa sob  
a forma de um  
saldo comercial,  
que se tornou  
estrutural porque  
as transformações  
ocorridas tornaram  
o país extremamente  
autônomo,  
a economia mais  
fechada do mundo.*

zado o receituário que foi aplicado em diversos países, que teve efeitos destrutivos e não venceu a inflação. O nosso, aparentemente, convive perfeitamente com o crescimento e extirpou a inflação.

Bem, suponhamos que vocês tenham aceito minhas enfáticas afirmações que a economia tem uma estrutura sólida, que está preparada para crescer, que está crescendo, mas os senhores se preocupem com a recessão que pode provir, a perda da velocidade de crescimento que pode derivar deste choque heterodoxo que a economia acaba de receber. E isso teria como base, como ilustração, o caso argentino. Este temor é infundado. É só olhar o caso argentino e ver quanto infundado é. A recessão que se agrava com o Plano Austral, na Argentina, conta tremendamente com os seguin-

*Foi brilhantemente aplicada uma teoria e uma técnica desenvolvidas com a colaboração de brasileiros. Ufanismo dizer que foram só brasileiros; os argentinos contribuíram decididamente, e, pelo menos, um chileno contribuiu bastante. É uma técnica latino-americana que nega pela raiz o receituário do Fundo Monetário Internacional.*

tes elementos: a taxa de juros subiu drasticamente, superior a 40%. No Brasil não há nenhuma razão para que isso se dê. O Governo tem uma confortável situação financeira e pode expandir a liquidez de maneira a impedir que a taxa de juros ultrapasse um determinado objetivo. Se o objetivo vai ser 15 ou 12, isso eu não quero afirmar agora, espero que seja da ordem de 12 ou até de 10. Tenho certeza de que o Brasil não tem porque manter expectativa de um aumento drástico da taxa de juros. Além do mais, isso foi necessário na Argentina para evitar fuga de capitais porque seu mercado financeiro é aberto. O brasileiro felizmente é fechado, ninguém tem conta em dólar, o fluxo em cruzeiro é maior que em dólar, não se tem conta em dólar aberta no Brasil. Em Buenos Aires tem, nos últi-

mos momentos, antes do Plano Austral, circulavam 2 milhões de dólares nas ruas da Argentina, e as pessoas tinham contas em dólar. O mercado financeiro brasileiro é relativamente fechado, ninguém ignora que existem inescrupulosos que têm grandes somas na Suíça, não estamos falando disso. O fenômeno argentino é incomparável a isto.

Na Argentina foi feita também uma desvalorização cambial juntamente com o Plano Austral, porque a balança de pagamentos era péssima. No dia seguinte do Plano Austral as empresas estavam enforcadas porque tinham que importar. Ao contrário do Brasil, lá é uma economia aberta, as empresas industriais argentinas têm que importar para produzir e a dólar caro, têm que aguentar essa pressão do custo do dólar. No Brasil não houve desvalorização

*Do jeito que você quer*  
**PERFUMARIA e COSMÉTICOS**



# SOL NASCENTE

Com as mais cativantes fragâncias criadas nos últimos anos e por um preço realmente difícil de acreditar. Todos os produtos necessários aos cabelereiros.

Rua Alfredo Whately, 77-B  
Campos Elíseos - Resende/RJ.



**ÓTICA CADORNA LTDA.**

40 anos

de

tradição

**Serviço Ótico em Geral**

av. albino de almeida, 258

(0243) 54-1460 27500

resende est. do rio



cambial e não se importa para produzir, porque é uma economia fechada. Além disso, na Argentina houve uma elevação forte de alguns preços básicos, como a energia elétrica, porque quando foi feita a reforma o déficit público era monstruoso, da ordem de 15% do produto. No Brasil não há tal coisa, então não houve elevação dos preços básicos. Há outras razões, como a massa financeira, o capital financeiro, que está em títulos, em papel, em *overnight*, e que tendem a pousar em setores reais no Brasil. Na Argentina estava em dólar, não podia pousar, mesmo porque a Argentina se fechou para a entrada de dólares, dosificou a entrada de dólar através de um acordo com o Fundo Monetário Internacional. Como ela não podia emitir a nova moeda, não podia absorver os novos dólares. Há uma série de ra-

*O Brasil entra neste processo da nova moeda pisando firme, com uma economia estruturada, enquanto que na Argentina o Plano Austral encontrou uma economia que se desindustrializou e que não cresce há muitos anos. Sendo uma economia aberta, as empresas industriais argentinas têm que importar para produzir e a dólar caro. No Brasil não é preciso importar para produzir.*

zões, mas sobretudo, no Brasil a opção fundamental da política econômica foi sempre a indústria. Em particular, de 1974 a 1979, isso se tornou uma questão obsessiva, quase dramática. O que fez a Argentina? Ela se desindustrializou, hoje é uma economia desarticulada industrialmente. Então, o Brasil entra neste processo da nova moeda pisando firme, com uma economia estruturada. A Argentina, com uma economia desestruturada, que não cresce há muitos anos, não sabe nem mais como crescer. O que permanece de diferença ne-

gativa para o Brasil é que, apesar de tão sofrida a Argentina, apesar de tantas crises tão mais profundas, apesar da desestruturação econômica por que passou, ainda assim, a Argentina não tem uma distribuição de rendas tão perversa quanto a brasileira. É o único lado, obviamente, que nós estamos piores que eles.

Eu espero que daqui por diante isto seja uma preocupação central dos brasileiros, a preocupação verdadeira com a igualdade um pouco maior dos brasileiros, que eu espero que o futuro traga. ●

**ANUNCIE NA  
REVISTA DA ACIAR  
TEL.: 54-0703**

O próximo convidado para fazer a palestra do ciclo "Quem somos e o que fazemos" será o Presidente do Rotary Club de Resende. O Sr. Munir Simão, proprietário das empresas "Magazine Tufick" e "Espigão Palace Hotel", contará sua trajetória como um dos mais prestigiados comerciantes do Município.  
Dia 30, às 20 horas, na sede da ACIAR.

ESTE PRÉDIO



VOCÊ VÊ  
DE QUALQUER  
LUGAR

**Daniela Flôres**  
SÓ INDO LÁ

UM MUNDO DE PLANTAS E FLÔRES  
QUE ENFEITAM SUA VIDA.

Av. Marechal Castelo Branco, 76  
Lojas "U" e "V"  
Telefone: 54-2888  
Resende / RJ.